



IV Encontro Afirmativa: Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

Saúde Sexual e Reprodutiva de Adolescentes Negras em um Bairro Popular de Salvador: Dialogando com as Intersecções e Sentidos

Thayana Victória Santos Silva (UNEB – Campus I)

E-mail: thyanavictoria8@gmail.com

Orientador: Laio Magno (UNEB – Campus I)

E-mail: laiomagnoss@gmail.com

Palavras-Chave: Direitos sexuais e reprodutivos; Adolescentes; Negra.

Introdução

O exercício pleno dos direitos sexuais e reprodutivos incluem o acesso aos serviços de saúde e métodos contraceptivos, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e o respeito aos direitos humanos. Entretanto, a coerção social histórica do corpo feminino negro interfere na liberdade e garantia desses direitos ao cruzar eixos de subordinação, como aponta análises da interseccionalidade de raça e gênero (CRENSHAW, 2022).

Além disso, estudos demonstram que a precariedade da vida, iniquidades de gênero, silenciamentos, negação de direitos e informações de qualidade insuficiente afetam a saúde sexual de adolescentes (CAMPOS et al., 2017).

Nesse sentido, faz-se necessário a promoção da prática da educação em saúde para o desenvolvimento de diálogo e ações preventivas entre jovens negras durante a adolescência. Entretanto, os contextos de vulnerabilidade social ao qual estão inseridas, de menor renda e escolaridade, mostram-se barreiras devido à falta

de atenção adequada pelo poder público (DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO, 2021).

Dessa forma, o presente trabalho busca compreender de que forma as iniquidades sociais geram intersecções que afetam a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes negras de um bairro popular em Salvador (BA).

Metodologia

Trata-se de um subprojeto desenvolvido a partir de uma pesquisa multicêntrica intitulada “Contextos de vulnerabilidade ao HIV entre jovens de camadas populares: um estudo multicêntrico em cinco cidades do Brasil – Espaços Jovens”, que visa analisar os contextos de exposição ao HIV/demais IST de jovens de 15 a 19 anos de comunidades populares de Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Manaus e Rio de Janeiro. A coordenação é composta por Daniela Knauth – UFRGS (coordenação geral), Andréa Fachel Leal - UFRGS, Regina Barbosa - UNICAMP, Laio Magno - UNEB, André Machado - UEA e Simone Monteiro -



IV Encontro Afirmativa: Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

IOC/Fiocruz e recebeu financiamento do CNPq/MS-DCCI (processo 442618/2019-0).

Trata-se de pesquisa qualitativa. Neste trabalho, selecionamos apenas as entrevistas realizadas em Salvador (BA). Para o presente trabalho foram selecionadas apenas aquelas com identidade de gênero “mulher”. Foram entrevistadas e incluídas 20 meninas negras, sendo 17 mulheres cis e 3 mulheres trans.

A pesquisa se deu através de algumas etapas: o mapeamento de espaços de sociabilidade e de pessoas referência na comunidade, em seguida foram realizadas as entrevistas semiestruturadas e grupos focais, transcrição das entrevistas, categorização e posterior análise.

Resultados e Discussão

Oferecer às adolescentes negras da comunidade em questão a possibilidade de dialogar sobre suas experiências afetivo sexuais e como as interseccionalidades as atravessam, foi uma experiência enriquecedora em vários aspectos, pois apenas foi possível analisar trajetórias de vida para além de corpos objeto-alvo de intervenções biomédicas.

As jovens entrevistadas geralmente não informam aos pais sobre o início da sua vida sexual por medo de repressão e imposição de

castigos, o que pode afetar o diálogo familiar sobre prevenção de ISTs e planejamento reprodutivo.

Observamos, uma intersecção importante nos diálogos. Primeiro, a ausência do uso de preservativos durante as relações pela recusa dos parceiros em utilizá-los, principalmente por causa de “incômodo” ou “redução do prazer”. Tal cenário é comum em outros estudos, o que reitera a hierarquia sexual de gênero⁴. Em alguns casos, as próprias meninas afirmam sentir “incômodo” com a camisinha e muitas delas afirmaram desconhecer algumas ISTs.

A beleza e corpo do parceiro (por exemplo, se for “bonito e novinho”) foram utilizados como instrumento de julgamento para o abandono do preservativo na experiência de uma das meninas trans entrevistadas.

Por outro lado, as jovens que participam do grupo “Autominas” (idealizado por enfermeiras da Unidade de Saúde da Família local – USF – com foco na educação em saúde) demonstram maior conhecimento sobre a anatomia do corpo feminino, autonomia no uso do preservativo no momento da relação sexual, e melhor conhecimento sobre os riscos de uma relação sexual desprotegida.

Quanto à percepção sobre os direitos



IV Encontro Afirmativa: Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

reprodutivos, os métodos de contraceção merecem destaque. O uso de métodos contraceptivos orais e injetáveis são relatados mais do que os dispositivos intrauterinos. É frequente a afirmação de que o medo de engravidar é maior que o de contrair alguma IST, especialmente por conta do conhecimento de histórias de pessoas no bairro que tiveram gravidez precoce e do possível impacto desta gravidez na vida.

O receio de uma próxima gestação também permanece naquelas jovens que já são mães (entrevistamos duas adolescentes que engravidaram). Experiências negativas relacionadas à criação da criança após o nascimento e à ausência do genitor, que geralmente se isenta de responsabilidades, é uma realidade comum entre mulheres negras no Brasil (PANTOJA, 2007).

Além disso, observamos como experiências ruins no ciclo gravídico-puerperal podem afetar o pleno exercício dos direitos reprodutivos. Como foi observado numa adolescente que teve um parto “horível” e foi mal tratada na instituição de saúde, culminando no desejo de não gestar novamente.

Conclusões

Podemos observar, através dos dados coletados, o quanto o desconhecimento sobre os direitos sexuais e reprodutivos pelas adolescentes negras contribui para a exposição a comportamentos de risco para contrair ISTs e também a gravidez indesejada. Além disso, as iniquidades sociais expõem essas meninas a níveis de maior violência, sejam elas físicas, psicológicas ou institucionais, tendo os profissionais da saúde coletiva papel fundamental na educação em saúde.

Ao realizar tal pesquisa, desenvolvemos aprendizados diversos sobre como realizar uma escuta respeitosa e acolhedora, bem como lidar diante de uma realidade excludente e violenta, interseccionada pelas dimensões socioespaciais, raciais e de gênero.

Além disso, fizemos alguns encaminhamentos necessários para serviços de saúde e de direitos humanos para aquelas meninas que participaram da pesquisa, o que reforça a importância do vínculo desenvolvido por meio da pesquisa e sua influência positiva no desenvolvimento social, cultural e saúde dos indivíduos.

Agradecimentos

Expressamos gratidão às meninas que participaram desta pesquisa, a equipe que



IV Encontro Afirmativa: Práticas de Estudantes Cotistas em Pesquisa e Extensão

trabalhou na coleta de dados (Naiara Maria, Gisele Maria e Manuela Maciel), bem como o CNPq/MS-DCCI pelo financiamento da pesquisa (processo 442618/2019-0) e o Programa Afirmativa da UNEB pela bolsa conferida a primeira autora deste trabalho.

Referências

CAMPOS, H. M. et al. Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes. **Saúde em Debate**, v.41, n.113, p.658-669, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201711324>>

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.10, p.171-188, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>.

DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO. Defesa dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Brasil, 2021. Disponível em: https://promocaodedireitoshumanos.dpu.def.br/wp-content/uploads/2021/07/cartilha_defesa_direitos_sexuais_reprodutivos-2021.pdf

PANTOJA, A. **Sendo mãe, sendo pai: Sexualidade, Reprodução e Afetividade entre adolescentes de grupos populares em Belém**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007